

JESSICA RODRIGUES SOLIDADE

**A potência afirmativa do luto e a reivindicação da memória coletiva dos mortos pela
COVID-19**

UBERLÂNDIA

2022

JESSICA RODRIGUES SOLIDADE

**A potência afirmativa do luto e a reivindicação da memória coletiva dos mortos pela
COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção da
Titulação de Bacharel em Psicologia.

Orientador: João Luiz Leitão Paravidini

UBERLÂNDIA

2022

JESSICA RODRIGUES SOLIDADE

**A potência afirmativa do luto e a reivindicação da memória coletiva dos mortos pela
COVID-19**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

ORIENTADOR: João Luiz Leitão Paravidini

BANCA EXAMINADORA

UBERLÂNDIA, 10 DE AGOSTO DE 2022

PROFESSOR DR: João Luiz Leitão Paravidini

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA- UBERLÂNDIA, MG

PROFESSORA DR^a: Ana Paula de Ávila Gomide

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA- UBERLÂNDIA, MG

PROFESSORA DR^a: Marisa Aparecida Elias

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA- UBERLÂNDIA, MG

UBERLÂNDIA, MG

2022

Agradecimentos:

Os agradecimentos são a parte que eu mais aprecio em um livro, eles me lembram que uma boa história é construída por muitas mãos.

Sem a minha mãe esse trabalho não seria possível, mãe (Maria Solange) obrigada por ter confiado em mim quando eu ainda não sabia o peso daquilo que eu havia escolhido. Ao meu pai (João) por me ensinar que cada pessoa carrega dentro de si um universo. Ao meu irmão (Davi) por me lembrar do porque eu escolhi me tornar uma universitária, obrigada pelas risadas, pelo ombro fraterno e votos de esperanças. Aos demais membros da minha família, conseguimos! Eu amo vocês.

Gostaria de agradecer a minha psicóloga por me ajudar a trilhar o meu próprio caminho, por me auxiliar a encarar as minhas decisões e não me perder (ou me permitir perder). As minhas amigas, Kathyllen e Ana Julia, obrigada por me aguentarem na busca por um orientador, por me apoiarem em cada momento ao longo desses quase seis anos, por me fazerem rir e me permitir chorar, eu amo vocês. Ao Felipe, obrigada por me incentivar a insistir no João como meu orientador! A professora Marciana, por me ensinar a pensar como uma pesquisadora, obrigada!

Ao meu orientador, João Luiz Paravidini, muito obrigada por me aceitar mesmo sem me conhecer, obrigada por me incentivar a encontrar a minha própria escrita, por me apoiar e aconselhar em cada parada dramática e principalmente obrigada por me permitir escrever livremente.

Ao tio gordinho (Fidelino Rodrigues), obrigada por ter vivido, sentirei sua falta na comemoração de fim de curso, saiba que você nunca será apenas um número, saudades de você.

Resumo

A pandemia do novo coronavírus impôs uma crise humanitária, econômica e sanitária sem precedentes, seus impactos não podem ser mensurados, mas sabemos que transformações profundas decorrem desse momento histórico. Fomos isolados, acometidos por um inimigo que, mesmo invisível, foi capaz de escancarar as nossas falhas enquanto sociedade. O presente trabalho se propôs a analisar o fenômeno do luto, com base nos relatos de ações coletivas, notícias, artigos e percepções do contexto político e social do Brasil. Realizamos uma pesquisa qualitativa na tentativa de desbravar o percurso do luto em nossa sociedade, fizemos uso de estudos científicos como bússola para a construção desse trabalho, nos amparamos em grupos de apoio aos enlutados e em inquietações que permeiam a sociedade. De mãos dadas com o coletivo, procuramos dar contorno ao horror e o descaso diante da perda de milhares de vidas, discutindo ações e a ausência delas. Ao trilhar esse caminho, percebemos que nós carregamos as marcas e lembranças daquilo que foi vivido e faz-se necessário honrar a memórias dos nossos mortos e isso passa por lembrarmos nos do passado e nos atentar para o presente, a fim de que o passado não se atualize no futuro.

Palavras-chave: Luto; COVID-19; Grupo.

Abstract

The pandemic of the new coronavirus imposed an unprecedented humanitarian, economic and health crisis, its impacts cannot be measured, but we know that profound transformations stem from this historic moment. We were isolated, attacked by an enemy that, even invisible, was able to expose our flaws as a society. The present work aimed to analyze the phenomenon of mourning, based on reports of collective actions, news, articles and perceptions of the political and social context in Brazil. We carried out a qualitative research in an attempt to discover the path of mourning in our society, we made use of scientific studies as a compass for the construction of this work, we supported ourselves in support groups for the bereaved and in concerns that permeate society. Hand in hand with the collective, we seek to outline the horror and neglect in the face of the loss of thousands of lives, discussing actions and their absence. When walking this path, we realize that we carry the marks and memories of what was lived and it is necessary to honor the memories of our dead and this involves remembering the past and paying attention to the present, so that the past does not update in the future.

Keywords: Bereavement; COVID-19; Group.

Sumário

1. Introdução.....	08
a. Luto e suas implicações no coletivo	15
2. Objetivo	21
3. Método	21
4. Resultados	23
5. Discussão	28
a. O transitório e o contemporâneo.....	28
b. A potência afirmativa do luto e da memória	29
6. Considerações finais	33
7. Referências	35

Introdução

O cotidiano de milhares de brasileiros foi alterado em 11 de março de 2020 quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), que submeteu o mundo a uma grave crise sanitária, humanitária e econômica. Desde então, os brasileiros estão tendo que lidar com um conjunto de perdas causadas pelas medidas de controle, o percurso que o vírus teve no país e as desigualdades que imperam na sociedade.

No Brasil, as ações do governo tiveram que concorrer com o crescente número de informações falsas (*fake news*) que aumentavam o sentimento de medo e insegurança da população. O Brasil é reconhecidamente um país com capacidade para realizar campanhas de vacinação de forma gratuita e eficiente (Domingues, Maranhão, Teixeira, Fantinato, & Domingues, 2020), contudo a vacinação foi alvo de um processo de politização. A primeira brasileira foi vacinada em 17 de janeiro de 2021 (Cristaldo & Brandão, 2021), no estado de São Paulo, porém no cenário global, a primeira dose da vacina foi aplicada em 8 de dezembro de 2020, no Reino Unido (Por g1., 2020).

Diante do crescente número de mortes e a alta taxa de transmissibilidade, o contato social foi reduzido a fim de conter a disseminação do vírus. Medidas de isolamento e distanciamento social, quarentena, higienização das mãos, etiqueta respiratória e a desinfecção de superfícies foram algumas das estratégias adotadas para conter a transmissão do vírus (Aquino et al., 2020). As medidas de proteção foram adotadas com cautela no início da pandemia, porém concorreram com a política de mercado, que pouco a pouco tornou-se o foco das ações do Governo Federal (Santos et al., 2020).

Na vida privada, além do isolamento vivenciado por todos nós, os pacientes que desenvolvem a forma grave do vírus passam por outro tipo de isolamento. Esse pode ser considerado um pouco mais grave, devido às circunstâncias de restrição de mobilidade, do contato com os familiares e o medo da progressão da infecção. Questões de ordem emocional, como a solidão, ansiedade e depressão, permeiam o período de internação. As complicações advindas desses casos vão desde problemas no sistema respiratório, cardiovascular e até mesmo neurológico (Estrela, Oliveira, Souza, & Estrela, 2021).

Por sua vez, pacientes que apresentam sintomas leves, podem ser acometidos pela chamada COVID longa, essa mantém sintomas como fadiga, dores, perda de olfato e paladar, por um longo período de tempo. O quadro se agrava diante da ausência de informações tanto por parte dos pacientes quanto por parte dos profissionais de saúde que estão em constante aprendizado e que agora são confrontados com mais um desdobramento com causas ainda indecifráveis (Peres, 2020).

Durante os anos de 2020 e 2021, os pacientes infectados ficaram isolados por cerca de quatorze dias, sem contato nenhum com outras pessoas e, quando havia o contato, o protocolo de segurança entrava em ação. Os profissionais se paramentavam com máscara, luvas, álcool em gel, viseiras, roupas especiais e um longo processo de desinfecção após o contato com os infectados. Os sintomas iniciais da doença são dores no corpo, cansaço, febre, tosse e perda de paladar e olfato, em casos graves os pacientes necessitam da internação nas Unidade de terapia intensiva (Costa, Silva, Cabra., & Melo, 2020).

Diante disso percebemos que mudanças foram impostas à realidade e os indivíduos lidam com elas de modos distintos, seja seguindo de forma ritualística as medidas de proteção, seja agindo com cautela ou até mesmo negando a realidade como forma de responder à tormenta sob a qual ainda estamos submetidos (Jorge, Mello, & Nunes, 2020).

O corpo passou a ser vetor do vírus e o risco de contágio se estende até os corpos mortos. Os ritos comumente realizados durante o sepultamento foram suspensos inviabilizando a realização de cerimônias de enterro (Dantas et al., 2020). Segundo Estrela et al. (2021), o luto advindo da COVID-19 possui alguns agravantes, dentre eles encontramos as restrições impostas durante os funerais como forma de prevenir o contágio e frear a alta taxa de transmissibilidade. A suspensão desse tipo de prática teve reverberações psicológicas nos familiares que perderam parentes vítimas da COVID-19, agravando esse quadro que, por si só, já provoca tristeza e angústia (Estrela et al., 2021).

Segundo Parkes (1998), o luto é o preço pago por se apegar ao outro. Configura-se como uma tentativa do organismo em proteger a vida psíquica do desmoronamento da realidade conhecida (Syrio, 2021). Mesmo se tratando de um fenômeno universal, o luto se manifestará de modo singular na vida das pessoas. Ele irá atuar e reverberar a partir de alguns fatores como a história de vida de cada sujeito, o relacionamento do enlutado com a pessoa que partiu, o contexto em que a morte se deu, a rede de apoio e a validação coletiva diante daquela perda (Dantas et al., 2020).

O luto é a reação à perda de um objeto de amor, sendo que nesse caso o objeto pode ser tanto as representações inconscientes atribuídas à uma pessoa, bem como a objetos simbólicos (Nasio, 1997). No ensaio “Luto e melancolia”, escrito em 1915 e publicado em 1917, Freud traça o caminho do luto, diferenciando-o da melancolia. No primeiro caso é possível saber, de forma consciente, quem foi perdido. Por sua vez, na melancolia o sujeito não sabe o que perdeu porque a perda se configura no campo do inconsciente (Freud, 1917). No entanto, Nasio (1997) nos convida a pensar sobre o caráter inconsciente de toda perda, tanto no luto normal, quanto no luto patológico, aqui representado pela melancolia. Segundo

ele, a perda do objeto de amor não consiste apenas na pessoa concreta, mas naquilo que ela representa para o indivíduo, sendo essa representação inconsciente (Nasio, 1997).

Freud (1917) denomina o processo da perda do objeto como “o trabalho do luto”, assim entendido por se tratar de um processo demorado e doloroso para os sujeitos. O trabalho do luto é descrito por Syrio (2021) como uma forma de explicar o desinteresse do(a) enlutado(a) diante do mundo. Segundo ela, o processo é uma tarefa árdua, em que o sujeito deve desapegar-se daquilo que ama e, em resposta, sua capacidade de amar fica comprometida por um período, restrita a tudo aquilo que de algum modo lembra o(a) falecido(a) (Syrio, 2021).

Nasio (1997) defende a ideia de que a retirada da libido, investida no objeto de amor, será redirecionada ao Eu, porém para cada representação haverá um superinvestimento. A pessoa falecida aparece com mais força na vida dos sujeitos e isso gera sofrimento. Tudo aquilo que lembra essa pessoa sofrerá uma hipercompensação. Este processo de superinvestimento é necessário para que o Eu possa, em um segundo momento, retirar a libido nele investida. Essa retirada ocorre após a constatação de que aquele objeto não se encontra mais na realidade, e “será por meio dessa imposição do exame de realidade que o enlutado se vê no dever de renunciar ao objeto perdido e de retirar, aos poucos, os investimentos libidinais da representação desse objeto” (Syrio, 2021, p. 25). O movimento de superinvestimento e desinvestimento é apontado por Nasio (1997) como causa da dor nesse processo. Quando o Eu realiza o processo de desinvestimento ele não faz apenas a retirada, mas transforma a representação daquele que se foi, revestindo-o de afetos diferentes. Um ponto digno de nota é que o objeto de amor não é investido apenas de amor, ele é investido, tanto de afetos positivos quanto negativos que compõem o processo de luto (Nasio, 1997).

Na relação com o sujeito, a dor do luto diz respeito a uma dupla perda. A pessoa que ficou perde tanto uma parte de si que existia apenas na relação com o falecido(a), como a

corporeidade do objeto amado(a). Não será possível rever as expressões faciais, sentir o cheiro ou ouvir a risada, porque não há mais a presença do corpo (Nasio, 1997).

Além das questões de ordem psicológicas, as pessoas enlutadas serão acometidas por questões fisiológicas e comportamentais advindos da perda e do próprio processo de luto, dentre eles tem-se o estigma e a privação social. O estigma diz respeito ao modo como outras pessoas irão se aproximar e enxergar o(a) enlutado(a). Em nossa sociedade, espera-se que o(a) enlutado(a) guarde suas manifestações de pesar para a vida privada e supere a perda rapidamente. Por sua vez, a privação advém do represamento do contato com aquela pessoa que se foi (perda), posto que, não tendo mais aquela pessoa, o sujeito fica privado do contato com o amado (ausência) e passa a viver com o vazio (Parkes, 1998).

Assim como Nasio (1997) descreve a dor do luto, Parkes (1998) relata de modo similar a causa de parte do sofrimento desencadeado pelo processo. De acordo com ele, são traços característicos do luto a ansiedade e a dor psíquica. O(a) enlutado(a) fica preso em uma rede de lembranças do(a) falecido(a), ele(a) sofre com as lembranças do passado e a ruminação das causas da morte. De acordo com o Nasio (1997), esse seria o processo de superinvestimento da libido, quando o interesse de tudo aquilo que não diz respeito ao falecido(a) desaparece e o foco da atenção recai sobre o objeto perdido. Para Parkes (1998), essa dor revela a urgência emocional e subjetiva que os sujeitos sentem ao encontrar aquilo que foi perdido. Este comportamento tem suas bases na história da espécie, posto que os animais entram em um estado de alerta e de procura de seus companheiros. Esse comportamento auxilia na sobrevivência caso eles estejam em perigo, muito embora essa atitude seja infrutífera quando a perda é por morte.

Parkes (1998) descreve aspectos neurológicos, comportamentais e do desenvolvimento presentes na espécie e que justificam os comportamentos de um(a) enlutado(a). O autor argumenta que a procura pelo(a) falecido(a) é um comportamento

esperado em pessoas enlutadas, assim como lembrar de momentos vividos com aquele que se foi, podendo ser essas lembranças positivas ou negativas. Ele se questiona sobre os motivos que levam uma pessoa a ficar presa em memórias que causam sofrimento. Sua hipótese é de que as pessoas se prendem e repetem lembranças ruins, como as condições em que a morte se deu, na tentativa de dominar o incontrolável da vida (Parkes, 1998).

Algumas formas encontradas pelos indivíduos para lidar com a realidade da perda são: o entorpecimento, a seleção de pensamentos, os sonhos e o comportamento de procurar e encontrar. Parkes (1998) nos apresenta a hipótese de que os mecanismos de defesa são importantes para que o psiquismo consiga lidar com a desestruturação que uma morte pode causar. Algumas pessoas evitam pensar na perda, restringindo seu contato com pessoas, objetos e pertences que provoquem tais lembranças. Nesse sentido, a busca por outras atividades pode ser uma saída para a fuga desses pensamentos.

Ao mesmo tempo que o(a) enlutado(a) busca repelir a realidade da perda, evitando tudo aquilo que o lembre desse fato, é a proximidade com os objetos do(a) falecido(a) que aplaca a saudade e o sentimento de solidão (Parkes, 1998). Esse movimento de aproximação e distanciamento vai permitindo a assimilação necessária para o fim do processo. Os sonhos, por sua vez, podem atuar como uma tentativa de consertar o que na realidade não é possível reparar. O(a)s enlutado(a)s podem sonhar que a morte não ocorreu ou que teve um desfecho diferente daquele vivenciado na realidade. (Parkes, 1998).

Além disso, o anúncio da morte pode causar um entorpecimento que, segundo o autor, é uma forma de vivenciar a experiência dolorosa. Esse torpor possibilita a resolução de questões práticas como o funeral. Além do entorpecimento, a pessoa pode vivenciar uma sensação de despersonalização, sentindo que as experiências de mundo ou de si mesma não são reais (Parkes, 1998).

Outra experiência importante abordada pelo autor refere-se ao sentimento de raiva. De acordo com Parkes (1998), o sofrimento sentido pelo enlutado precisa ser escoado e, em alguns casos, ele é canalizado como raiva e pode ser dirigido a pessoas próximas como médicos, Deus e ao próprio(a) falecido(a). A raiva compõe um conjunto natural de respostas, assim como o alerta, o comportamento de procurar e encontrar, bem como as manifestações oníricas e alterações de percepção.

Além da raiva, o sentimento de culpa também estará presente durante o luto. A necessidade de encontrar um responsável para culpar, seja a si mesmo ou ao mundo, tem suas bases na segurança que depositamos na vida. É difícil e pouco vantajoso para os sujeitos pensarem, a todo instante, nos eventos que poderiam colocar sua vida em risco. Precisamos acreditar que no mundo há segurança e ordem, caso contrário estaríamos impotentes diante de um mundo caótico que age por leis próprias (Parkes, 1998).

Essas são algumas das experiências que pessoas enlutadas podem vivenciar e que caracterizam o complexo processo do luto. O autor conclui de forma singela, afirmando que lidar com a realidade da perda é construir uma nova identidade, uma nova forma de se relacionar com as pessoas e com a vida em si (Parkes, 1998).

A perda do objeto configura uma mudança no mundo externo e interno que preconiza novas formas de agir. Esse processo é descrito por Parkes (1998) como mudança de identidade. Trata-se de um conjunto de mudanças necessárias para que um sujeito assuma novas formas de se relacionar com o mundo. Essa “transição” não ocorre em um momento específico, ela é parte do processo, sendo moldada a partir do confronto com a realidade da perda do objeto e as respostas necessárias para lidar com a ausência e suas reverberações. Padrões de pensamento, papéis sociais, funções desempenhadas e até a própria leitura de si e do mundo precisam ser reajustadas à nova realidade.

De acordo com a teoria freudiana, o processo de identificação ocorre desde os primórdios da vida, sendo este um mecanismo importante para a constituição e funcionamento do Eu (Freud, 1923). Parkes (1998) atribui a mudança de identidade como um dos aspectos do luto, na medida em que a realidade da perda vai sendo assimilada, o sujeito vai se transformando. Arrisco a enunciar que a etapa de identificação seja a meta a ser alcançada ao longo desse processo, digo isso considerando a proposição do Freud em (1923) no texto “o Eu e o Id”. Nesse trabalho, o psicanalista propõe que “talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos” (Freud, 1923, p. 36). Para abandonar o objeto, o Eu precisaria realizar um movimento que, ao contrário do que poderíamos supor, não é de distanciamento, mas de aproximação, ele irá se transformar com a intenção de carregar consigo parte daquilo que foi perdido.

A *priori* o luto é associado à perda. Constitui-se no imaginário como um processo doloroso que demanda muitas transformações, tanto internas quanto externas. Porém, a proposição freudiana nos permite compreender que as perdas, a partir das quais somos convocados, não são meras perdas, elas carregam consigo um potencial transformador e constitutivo. Alojado na identificação com o objeto perdido, a transformação é possível, justamente, porque incorporamos um traço ou uma pequena parte daqueles que amamos.

Luto e suas implicações no coletivo.

A discussão realizada anteriormente sobre o luto e suas implicações psicológicas não deve nos induzir ao erro de acreditar que o processo é apenas individual e com duração determinada. Isso seria um equívoco posto que se trata de um processo que não se finda, mas que se atualiza em uma nova relação do sujeito com ele mesmo e com o mundo.

A pesquisadora Syrio (2021) sinaliza para um cenário de apatia entre a população brasileira, para um certo conformismo diante do crescente número de mortos. No contexto em que vivemos as mortes não têm produzido impactos coletivos, o que nos faz questionar quais direitos aceitamos que sejam retirados. De acordo com a nota técnica publicada em 2020 pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), a população negra e parda analfabeta representa cerca de 76% das mortes causadas pelo vírus, em comparação às pessoas brancas com ensino superior que representam 19,6% dos óbitos. Ademais, cerca de 55% da população preta e parda veio a óbito, por sua vez a porcentagem entre os brancos foi de 38% de óbitos. A disparidade entre o número de mortos revela apenas que, ao contrário do que foi propagado no início da pandemia, não estamos todos no mesmo barco. Todavia, os números não revelam os mecanismos que sustentam tal desigualdade.

Podemos perceber que parte da população brasileira está sob a mira de uma profunda desigualdade e da necropolítica. Essa população se encontra às margens das políticas públicas e na mira de uma política de morte, sendo o Estado o perpetrador de ações que precarizam as condições de trabalho e sobrevivência (Mbembe, 2016). A título de exemplo, temos as orientações do Ministério da Saúde que recomenda o distanciamento de pelo menos um metro entre as pessoas (Ministério da Saúde, 2021), porém a separação se dá no limite do corpo em locais como o transporte público.

No mesmo sentido, temos a incongruência entre os protocolos de higiene e a realidade brasileira, que é incapaz de garantir direitos básicos como o acesso a água tratada. Cerca de 48% da população não possui coleta de esgoto e 35 milhões de brasileiros não têm acesso a água tratada. Soma-se a isso as profundas diferenças regionais. Esse é um pequeno recorte da desigualdade que precede a pandemia e que perdura até os dias de hoje (Gonçalves, da Silva, 2020). Diante disso podemos nos questionar se estamos ampliando nossa aceitação diante da

morte de determinados grupos. Critérios como a idade, raça e condição social são usados para justificar a morte de muitos nesse país. No entanto, essas mortes não começaram a ser aceitas com o advento da pandemia, elas já ocorriam e ainda continuam sendo, em muitos casos, praticadas pelo Estado.

Esse cenário de precarização nos chama a atenção, porque o luto possui reverberações na esfera coletiva. Percebemos que os ritos funerários validam e reforçam a existência e, conseqüente, a ausência do(a) falecido(a). De acordo com Silva, Rodrigues e Aisengart (2021), os ritos funerários possuem, em geral, três objetivos principais: eles servem para que os vivos assimilem a perda e conduzam o morto à sua nova posição social; possibilitam que o vivente externalize sua consternação, e por fim, permite a sobreposição do medo causado pela morte, em razão das crenças de renascimento e salvação que podem ser entendidas como uma demonstração de força diante da invencibilidade da morte.

Ainda de acordo com as autoras (Silva, Rodrigues, & Aisengart, 2021), a manipulação do corpo constitui-se como uma etapa necessária a diferentes culturas, pois é a realidade da falência do corpo que torna possível o início do enlutamento. Contudo, no Brasil foram adotadas medidas de segurança que legislam sobre os sepultamentos em território nacional e, segundo o protocolo sanitário, é possível que apenas um familiar faça o reconhecimento do corpo, os demais são privados do contato com o corpo morto, restando a eles apenas relatos. Segundo as autoras, os ritos funerários são importantes porque oferecem um espaço de compartilhamento de emoções, necessário para aqueles que ficaram. Tendo em vista que "os rituais de morte consistem em procedimentos individuais e coletivos, mais ou menos padronizados e codificados, por meio dos quais vivenciamos a finitude" (Silva, Rodrigues, & Aisengart, 2021, p. 220), a suspensão dessas práticas pode dificultar a elaboração do luto e o retorno à vida cotidiana. Além disso, o corpo morto proporciona materialidade à experiência,

dando sentido a ela. A imposição do princípio de realidade fica comprometida quando os sujeitos são impedidos de ver o corpo, o que, segundo Syrio (2021), pode dar um sentido falho à morte.

A filósofa Carla Rodrigues (2020) apresenta o trabalho do luto como uma tentativa de dar contorno à falta do sujeito amado(a). Ela nos convoca a pensar no luto como uma forma de honrar os mortos, na tentativa de manter a sensibilidade diante de fatos graves que acometem a contemporaneidade. Segundo a autora, o luto seria uma forma de sobreviver a essa perda sem com isso abandonar aqueles que foram e continuam sendo amado(a)s (Rodrigues, 2020).

A suspensão dos rituais aponta para uma falha dos contornos da morte no âmbito coletivo. Os filósofos e pensadores Judith Butler (2015) e Mbembe (2016), nos ajudam a pensar em como a política adotada no nosso país evidencia os corpos que podem ser expostos ao vírus e como essas determinações podem impactar o processo do luto.

A partir da leitura da filósofa Judith Butler as autoras Mantovani, da Silva & Bernardes (2021), propõe a discussão sobre os enlutamentos aceitos e os não aceitos socialmente. De acordo com elas, a filósofa preconiza que a vida é reconhecida a partir de condições, normas e categorias sociais que a revestem de importância (Mantovani, da Silva, & Bernardes, 2021). É a partir do revestimento social e da garantia de direitos que as vidas passam a ocupar um lugar de validação, que, para a pensadora, se configura na comoção coletiva frente aquela perda (Syrio, 2021). Portanto, uma vida pode ser enlutável porque é revestida de cuidados e direitos sociais que asseguravam sua sobrevivência e esse reconhecimento não se dá após a morte, mas no princípio da vida, justamente porque essa vida ascende ao posto de vida “validável” é que ela é revestida de cuidados que visam retardar sua perda (Syrio, 2021).

Por sua vez, a ausência desses direitos pode precarizar a existência de um grupo de pessoas, localizando-os em um lugar de não reconhecimento. E, de modo similar ao grupo favorecido, a posição de “inválido” não é adquirida após a morte, mas ainda em vida. Algumas vidas não são reconhecidas desde o início, conseqüentemente, não são alvos de proteção e garantia de direitos. Assim como a sua morte não será lamentada na esfera pública (Syrio, 2021).

Syrio (2021) defende que o luto na esfera pública possui poder político. Segundo ela, o luto é ato político na medida em que manifesta a dor da perda e a indignação sentida pelos modos como aquela vida foi perdida. Uma morte quando é reivindicada marca a ausência e indignação. A organização socioeconômica e o caráter neoliberal que regem as relações sociais, atribui valor sobre a vida e a transforma em mercadoria. A vida daqueles considerados como minorias e, conseqüentemente, desprovidos do capital econômico, é exposta a diferentes formas de violência. A desumanização desses corpos chega ao ponto de transformá-los em números (Mantovani, da Silva, & Bernardes, 2021).

Contudo, a deturpação de transformar pessoas em números não começou com a pandemia. As pessoas pretas e pobres já eram transformadas em estatísticas e estampadas, dia após dia, nos noticiários, jornais e nas redes sociais. É inegável o tamanho desta violência, tendo em vista que a função do coletivo no trabalho do luto é, justamente, reconhecer e validar as vidas perdidas, por se tratar de uma oferta de contorno para um evento não representado (Cabral, Matos, Catelli, Viana, & Scarpa, 2020). Como esse contorno será oferecido quando não sabemos ao menos o nome daqueles que se foram?

Diferentes autores (Mantovani, da Silva, & Bernardes, 2021; Rodrigues, 2020; Syrio, 2021) apontam para a tentativa, sempre falha, de quantificar as perdas, apresentando-as por meio das estatísticas. Tornou-se comum os boletins informativos, estes relatam o número de

mortos, internados e taxas de ocupação dos leitos, dia após dia, em todos os veículos de comunicação. Tornou-se marco da crise sanitária o atingimento de 30 mil mortos, 65 mil mortos, 1 milhão de mortos em todo o mundo, os números tornaram-se manchetes. Essa tentativa evidencia a dificuldade de nossa sociedade em sensibilizar-se com as incontáveis perdas. Os números são usados para desumanizar as pessoas. Porém, mesmo com a tentativa de transformar determinados grupos em números, ignorando sistematicamente grupos oprimidos e impedindo-os de narrar a própria história, a deturpação não é aceita sem resistência. A autora Grada Kilomba (2019) nos convoca a pensar em como os grupos oprimidos têm suas vozes silenciadas e suas ações impedidas pela estrutura social. No entanto, é um erro considerar que não há resistência ou que grupos similares não escutem tal clamor, uma vez que, ao acreditar que não há resistência, atribui-se poder absoluto ao discurso dominante. Nas manchetes consta apenas a interpretação de mundo daqueles que ocupam o lugar de poder, porém as manchetes refletem um pequeno recorte daquilo que acontece e não correspondem às ações da sociedade civil que historicamente resistem às tormentas da sociedade.

Nosso objetivo neste trabalho, não é desmerecer o uso dos números, visto que estes possuem um uso efetivo. Quando aplicados corretamente eles permitem mapear as condições sociais em que as pessoas vivem e registrar o modo como se vive e se morre, o que é fundamental para a garantia de políticas públicas que de fato atuem na realidade do(a)s brasileiro(a)s.

Contudo, questionamos os usos dessa ferramenta no contexto em que vivemos. Santos et al (2020) nos apresenta uma faceta do sistema ao destacar que o mapeamento da pandemia deveria fornecer dados com o intuito de produzir ações efetivas de combate ao vírus e a investigação sobre cor e raça foi uma luta conquistada meses após o início da pandemia.

Porém, isso foi sistematicamente ignorado nos boletins e formulários de informação do SUS. Este último que garantiu o direito à saúde, mesmo sendo alvo de uma política de desmonte e protagonista de cenas dramáticas durante a pandemia.

De acordo com Santos et al (2020), a desigualdade de oportunidades, políticas e garantia de direitos, submete determinados grupos a uma condição de adoecimento e morte. Portanto, a depender do lugar social ocupado, os sujeitos terão mais ou menos recursos para lidar com a crise vivenciada. Nesse sentido, a pensadora Judith Butler (2015) utiliza o luto como parâmetro para pensarmos a vida e o valor de cada sujeito, como apresentado anteriormente, algumas vidas são validadas após a sua morte e outras não são. Essas vidas que não chegam a ocupar um lugar de "válida" são relegadas a posição de objetos, portanto a vida desses sujeitos passa a ser definida a partir da narrativa de terceiros, por aqueles que se julgam e fazem uso dos recursos que lhes permite almejar o lugar de sujeitos. De acordo com Kilomba (2019), sujeitos são aqueles que “podem ver seus interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e representados oficialmente na sociedade” (Kilomba, 2019, pp. 74 -75). A vida quando posta no lugar de objeto é, após a morte, relegada ao esquecimento, estas não serão faladas e, no pior dos casos, serão aceitas como necessárias. Diante disso, a realização deste trabalho justifica-se ao corroborar com os estudos sobre o luto e dar contorno ao traumático que estamos vivendo.

Objetivo

O presente trabalho se propôs a analisar o fenômeno do luto, com base nos relatos de ações coletivas, notícias, artigos e percepções do contexto político e social do Brasil.

Método

Esta pesquisa qualitativa orienta-se conforme descreve o significado de um determinado fenômeno e o processo de construção deste. A pesquisadora não se preocupou em controlar variáveis, ela buscou observar, analisar e escutar os fatos do modo como eles se apresentam. O principal ponto defendido por Turato (2005) é o de que a pesquisa qualitativa está focada em encontrar o significado do fenômeno na vida daqueles que o vivenciam.

De acordo com Lima e Miotto (2007), a pesquisa é uma forma de nos aproximarmos da realidade. As autoras ressaltam o caráter singular da pesquisa qualitativa; por se tratar de uma pesquisa histórica que está localizada em um determinado tempo e espaço; por sofrer influência da consciência histórica, uma vez que o objeto de estudo é pensado e compreendido coletivamente; por apresentar, em alguma medida, relação com o sujeito pesquisador e por ser ideológico já que as narrativas que irão compor a construção deste trabalho refletem uma visão de mundo (Lima & Miotto, 2007).

Em concordância com as ideias de Turato (2005) e Lima & Miotto (2007), o presente trabalho se propôs a analisar o fenômeno do luto, com base nos relatos de ações coletivas, notícias, artigos e percepções do contexto político e social do Brasil. Na busca por compreender os impactos no cenário social de emergência global que foi (e ainda é) a COVID-19. O fio condutor deste trabalho foi o luto e o silenciamento da sociedade brasileira diante dos registros diários de morte.

Na primeira reunião de orientação deste trabalho, recebi como provocação a seguinte pergunta do meu orientador: o que está acontecendo onde nós não estamos vendo? A partir dessa provocação, os caminhos desse trabalho foram sendo trilhados. A ideia original era formar uma roda de conversa para tratar dos lutos advindos da pandemia. Devido a uma perda pessoal, o foco estava na perda familiar. Mas como lidar com pessoas que estão vivendo um momento de ruptura advinda do luto? O que fazer com dores que não podem ser

vistas, nem ouvidas, apenas sentidas. E a principal questão, como ser humana no trato com essas pessoas sem corromper suas dores, a fim de cumprir uma exigência burocrática tal qual se colocava um trabalho de conclusão de curso. Foram muitas as perguntas e limitações procedentes dessa ideia inicial. Diante de tantos impedimentos, a saída mais segura seria me deixar guiar pela teoria. Foi importante e necessário conhecer outros trabalhos que versavam sobre a temática. Estes me levaram a escrever sobre os aspectos psíquicos e políticos do luto, assim como me permitiram elaborar o que de fato eu queria circunscrever com esse projeto.

Antes de iniciar a busca pela concepção teórica do luto foi realizada uma pesquisa no *Google* sobre grupos de apoio a pessoas enlutadas por perda advinda da COVID-19. O contato foi realizado via e-mail. Os grupos foram escolhidos por oferecerem apoio psicológico aos enlutados e produzirem informações a respeito desse processo.

A amostra deste trabalho justifica-se por dois motivos, o primeiro deles é sua natureza, tratando-se de um trabalho de conclusão de curso, somos forçados a lidar com algumas limitações burocráticas, temporais e técnicas. O segundo fator trata-se da sondagem inicial. Os grupos serviram como inspiração para a temática que estava sendo delimitada.

Resultados

A reflexão sobre o que está ou não sendo feito nesse momento veio a partir das informações compartilhadas por cada um dos cinco projetos encontrados. Por meio da leitura do artigo “O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia” conheci o serviço realizado no Hospital de Clínicas da Unicamp (HC-Unicamp) que tinha como público-alvo pacientes internados pela COVID-19 e seus familiares. O objetivo dessa iniciativa era oferecer uma escuta acolhedora proporcionada pelo Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (Dantas et al., 2020).

Após a leitura do artigo, formulamos um e-mail, com o intuito de expandir nossa compreensão sobre a atuação do projeto. As perguntas enviadas a um dos autores do artigo foram:

- a. Todos os pacientes internados recebem o acompanhamento da escuta acolhedora?
- b. Qual a especialização dos profissionais que realizam essa escuta?
- c. Quantos profissionais fazem parte da equipe?
- d. Existe algum protocolo a ser seguido pela equipe, alguma sequência de temas a serem trabalhados?
- e. Qual a frequência dos encontros com a equipe?
- f. Como ocorre o acolhimento com os familiares?
- g. Quais aspectos vocês consideram ser importante para oferecer uma escuta de qualidade para pessoas que estão vivenciando o luto por familiares vítimas da COVID?
- h. Quais as maiores dificuldades vividas por vocês desde a implementação do projeto?
- i. Além disso, estamos em busca de conhecer outros serviços/coletivos que estejam trabalhando com a temática do luto, gostaríamos de saber se vocês poderiam nos auxiliar nessa missão nos indicando iniciativas parecidas com a de vocês?

O contato foi realizado no mês de outubro de 2021. Durante a escrita desse trabalho nós não obtivemos informações atualizadas sobre o projeto e as perguntas elaboradas não foram respondidas. Porém eles foram importantes porque nos permitiram traçar os caminhos deste trabalho na medida em que nos apropriamos do tema. O nosso segundo contato foi com o Movimento Infinito que tem como missão promover conversas sinceras sobre o viver e

morrer. O contato com o Movimento Infinito resultou na indicação do trabalho realizado pelo Instituto 4 Estações, o trabalho realizado pelo Instituto não se atém apenas às perdas pela COVID-19, mas atua junto a familiares, grupos e indivíduos que sofreram algum tipo de perda.

Obtivemos retorno do projeto de extensão “Luto, vivências e possibilidades”. Eu conheci o grupo por meio das redes sociais. As informações a seguir são oriundas da resposta do grupo ao e-mail. O projeto "Luto: Vivências e possibilidades II", foi assim denominado porque desde a sua criação em 2014, ele teve uma pausa retornando em 2020, o projeto oferecia apoio a enlutados no modo presencial. Com a pandemia eles iniciaram os grupos de acolhimento para enlutados pela COVID-19 em setembro de 2020 e estão atuando desde então. O projeto já realizou cerca de 12 grupos, com média de 100 participantes. Até julho de 2021 os grupos foram exclusivamente para enlutados pela COVID-19, depois dessa data o grupo abriu para todas as formas de enlutamentos.

Dado o contexto da pandemia, os grupos foram realizados no formato on-line, por meio da plataforma *Google Meet* e, posteriormente, via *Zoom*. Os encontros decorrem da disciplina de estágio em saúde, tanto o projeto de extensão, quanto a disciplina de estágio, são supervisionados pela professora Joanneliese de Lucas Freitas. Os grupos são facilitados por duplas de estagiárias e acompanhados por dois extensionistas do projeto, um realizava relatórios e o outro apoio técnico, ambos permanecem com áudio e câmera desligados.

Sobre a organização dos grupos, o projeto nos permitiu conhecer as seguintes informações. Os grupos são fechados e ocorrem em seis encontros semanais. A dinâmica de cada encontro é discutida com os participantes, com objetivo de promover a sua autonomia. Os grupos exclusivos de COVID-19, realizados até julho de 2021, tinham três momentos específicos: a catarse, apresentação do ente falecido e a construção de homenagem. Além de

estudos sobre as temáticas do luto e das especificidades do enlutamento por COVID-19, o grupo se propõe a oferecer uma escuta qualificada e para isso eles trabalham a própria disponibilidade ao permitir a expressão de afetos, acolhendo as diversas manifestações de enlutamento. De acordo com eles, nem sempre há espaços de compartilhamento das vivências do luto.

Além disso, a equipe se propõe a manter o próprio cuidado e o respeito ao contexto da pandemia. As características atípicas desse período exigem atenção, assim como o cuidado dos próprios participantes, que também estão inseridos nesse contexto. Segundo eles, compartilhar o mesmo contexto histórico vivido pelos participantes dos grupos, torna a experiência diferente, pois ao sensibilizar de forma direta, eles avidamente compartilham de parte da dor dos participantes, o distanciamento da temática, nesse sentido fica comprometido, portanto, é necessário o exercício de reflexão e autocuidado.

Uma pergunta importante para nós era sobre as dificuldades enfrentadas por esses projetos, dado o rompimento causado na pandemia, sobretudo nos ritos de passagem. Eles nos contam que a transposição da prática do grupo do presencial para o remoto exigiu estudos e discussões a fim de compreender as mudanças e traçar estratégias. Eles exemplificam para nós que uma atividade que surgiu dessa transposição foi a elaboração de cartilhas informativas sobre o tema do enlutamento. Foi necessária a realização de pesquisas sobre acolhimento, com o intuito de inteirar-se sobre as especificidades do luto pela COVID-19, como uma forma de embasar as ações. Estas foram articuladas com o uso das redes sociais como uma forma de se aproximar da população. Tendo em vista as medidas de distanciamento social, o uso das redes sociais foi voltado para a divulgação de conhecimento científico, filosófico e cultural acerca da morte e do morrer¹.

¹ Para título de conhecimento é possível encontrar o projeto no *Instagram* e *Facebook* pelo nome: @lutopsicologiaufpr.

Foi muito enriquecedor para nós a resposta fornecida pelo projeto “Luto, vivências e possibilidades”. Todas essas informações foram fornecidas por eles em resposta ao nosso e-mail, e elas nos permitiram conhecer um pouco das ações desenvolvidas, mas, sobretudo, nos ajudaram a pensar sobre as peculiaridades do contexto no qual nos encontramos.

Do conteúdo deste email, três pontos se destacaram: o cuidado da equipe, o apoio encontrado na literatura e na construção coletiva - possibilitado pelas discussões - e, por fim, a produção de conhecimento. Essas ações nos levaram a pensar que não bastava compreender o fenômeno e propor estratégias de enfrentamento quando estamos inseridos em um contexto de medidas de proteção letárgicas e disseminação de informações falsas. A produção de conhecimento e o compartilhamento deste se fazem urgentes, atuando como enfrentamento e acolhimento diante dos obstáculos que se acumulam.

Por fim, seguindo com a apresentação dos grupos, tivemos o contato com a Unifesp, por meio de algumas reportagens chegamos à iniciativa proposta pela Unidade de Intervenção à Família e Comunidade (Unifac) da Escola Paulista de Enfermagem (EPE/Unifesp). O projeto atuava de forma presencial e com pandemia passou a realizar atendimentos em grupo terapêutico voltado a pessoas que vivenciaram perda por COVID-19. A partir das respostas às nossas perguntas, podemos apreender que o projeto é realizado quinzenalmente e online. A equipe é composta por psicólogos e terapeutas familiares e de luto; ao todo, a equipe era formada por quatro profissionais. Em situação de crise como a pandemia, o projeto passou a contar com 54 profissionais envolvidos. Sobre a existência de protocolos a serem seguidos, a resposta foi que o projeto não segue uma sequência pré-determinada. O atendimento é grupal e voltado para o acolhimento de familiares. Os aspectos elencados para oferecer uma escuta de qualidade para os enlutados foram: ser um bom ouvinte, conhecer o processo de luto e as

estratégias de enfrentamento. Por fim, com relação às dificuldades, eles não elencaram nenhuma.

A partir dessas informações podemos perceber o expressivo aumento da equipe este é compreensivo visto as taxas diárias de mortos e a ocupação dos leitos do hospital. Além disso, uma peculiaridade das respostas está no fato de que apenas o Movimento Infinito indicou novas iniciativas, nenhuma outra foi indicada.

Discussão

O transitório e o contemporâneo.

Em “A transitoriedade”, Freud (1916) narra que a beleza das coisas do mundo não está em sua durabilidade, mas nos efeitos emocionais que o recorte daquele tempo e espaço provocam. Acompanhado por um amigo e um jovem poeta, o autor constata, na tristeza do poeta, o horror que temos da impermanência da vida. Temos duas saídas diante da fugacidade daquilo que é belo e perfeito: podemos optar por apreciá-las ou nos entristecer, descreditando da beleza por ela ser passageira.

O jovem poeta que acompanha Freud é diferente daquele poeta narrado por Agamben (2009) no ensaio “O que é contemporâneo?”. De acordo com esse autor, ser contemporâneo é se parecer com um poeta que encontra a poesia em meio à nudez da realidade. A contemporaneidade carrega consigo todos os tempos, pois nela é possível ver rastros do passado, desenhos do futuro e particularidades do presente. Segundo Agamben (2009), ser contemporâneo é estar disposto a suportar as fraturas e contradições, é compreender que em si mesmo habita a escuridão de seu tempo, mas sem se entristecer como o jovem poeta do Freud, pelo contrário, é manter o olhar atento diante da história que se apresenta e se renova diante de si, sem com isso perder a esperança.

Esses dois pontos de vista nos permitem pensar nas ações desenvolvidas durante a pandemia. Ao analisar alguns indicadores da condição sociopolítica do país, podemos perceber que a realidade é marcada por contradições, de um lado temos a lentidão do governo em realizar ações que amenizem os impactos da pandemia, mas por outro lado temos ações advindas da organização civil que visa oferecer suporte aqueles que são atravessadas pelo momento presente, mas possuem pouco ou nenhum suporte social. Quando direcionamos o nosso olhar para os pequenos movimentos percebemos que, embora devastados pelas consequências e dimensionalidade da COVID-19, coletivos e grupos foram e continuam sendo organizados a fim de oferecer suporte e amparo.

A realidade se apresenta de forma perversa, como nos convida à reflexão Rosa Junior (2020). De acordo com ele, a lógica mercadológica tem nos afastado da nossa humanidade e inúmeros fatores corroboram para os desafios que estamos e ainda vamos enfrentar. O absurdo da realidade tem sido encarnado pelo Estado, mas não só, a realidade está marcada pelo desmentido daquele que foi eleito para nos governar. Encarar o absurdo do tempo que nos cerca é uma forma de sobreviver a desumanização que nos rodeia, é uma forma de honrar a humanidade que há em nós e a que existiu naquele(a)s que partiram.

A potência afirmativa do luto e da memória

A palavra que norteia esse trabalho é coletivo. O incômodo apreendido da realidade e transposto nesse trabalho diz respeito ao silenciamento presente durante a pandemia. As organizações grupais encontradas ao longo deste trabalho guiaram o nosso desbravamento pelo momento presente e com elas percebemos como é fundamental para o processo de elaboração e vivência do luto o respaldo do coletivo diante das mortes.

Por mais que o Brasil aparente ser um país que banaliza a morte, grupos e entidades civis têm se organizado a fim de dar contorno ao horror e o descaso diante de milhares de

vidas. Para esses grupos, o luto também é verbo e se coloca na forma de denúncia, acolhimento e informação. Entretanto, somos tomados por aquilo que falta, portanto, em um período em que o acesso a determinados grupos e cuidados se dá de forma remota, percebemos que parte significativa da população não teve ou terá acesso aos serviços que oferecem acolhimento e cuidado.

Diante de um cenário em que o luto tenha sido atravessado por violência, o laço social será o responsável por proporcionar espaços de reivindicação. Contudo, qual o amparo e a possibilidade de simbolização que as populações estão tendo diante de um cenário de falta? De acordo com Syrio (2021), uma morte é dotada de força e potência no coletivo, quando as pessoas se unem e expressam suas dores e resistências diante do fato ocorrido. Ainda segundo a autora, expressar a dor, a partir da produção de narrativas é relevante porque será por essa via que as vidas narradas serão reivindicadas (Syrio, 2021).

Porém o que nos chama a atenção neste trabalho é a pequenez de tais ações diante da realidade e seus atravessamentos históricos. Percebemos que não há apenas um tipo de silenciamento da população brasileira, podemos elencar ao menos dois fatores. O primeiro deles diz respeito a problemas históricos do Brasil, que com a pandemia foram escancarados. Este tópico foi discutido na introdução quando nos atemos a discussão sobre as medidas de controle do vírus e a ausência de políticas públicas que garantam o essencial para a sobrevivência da maior parte da população. Soma-se a isso o negacionismo que impera na máquina pública. Esses fatores somados, corroboram com a tese da filósofa Judith Butler sobre as vidas que podem ser enlutadas e aquelas que não podem.

Para nos ajudar a conectar esses aspectos, faremos uso das ideias da professora Jeane Tavares (2021) que nos convida a pensar sobre a saúde mental da população negra. A autora nos auxilia na compreensão dos tipos de silenciamento da população negra diante das mortes

perpetradas contra os seus. Diante do excesso de mortes violentas que assolam a população negra e pobre do país, o risco de manifestar descontentamento incide na própria vida, situação que expressa as marcas do racismo que ainda imperam na sociedade, silenciados desde a escravização a população negra precisa chorar longe da praça pública a vida dos seus (Tavares, 2021).

Por outro lado, podemos perceber que parte das ações adotadas durante a pandemia se assemelha a estratégias de sobrevivência adotadas por aqueles que vivem sob a mira da necropolítica e que são vítimas de um apagamento histórico. Segundo Mbembe (2016), a necropolítica é uma forma contemporânea de subjugar vidas à morte, por meio de mecanismos que expõem e oprimem populações à condição que não provêm o mínimo para a sobrevivência. O autor Primo Levi descreve no livro “É isto um homem?” o processo de apagamento vivido pelos judeus.

Bem sei que, contando isso, dificilmente seremos compreendidos, e talvez seja bom assim. Mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos esses objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado. Essas coisas fazem parte de nós, são algo como os órgãos de nosso corpo; em nosso mundo é inconcebível pensar em perdê-las, já que logo acharíamos outros objetos para substituir os velhos, outros que são nossos porque conservam e reavivam as nossas lembranças (Levi, 2013, p. 21).

Diante desse pequeno trecho podemos perceber que o extermínio começa quando lhes são retirados todos os pertences, ainda que esses não possuem valor em si, mas pelas memórias efetivas que carregam. Os pacientes infectados pelo vírus, em casos graves, são colocados nas UTIs, sem nenhum tipo de contato direto com pessoas, sendo cuidado por

profissionais dos quais, por conta dos trajes de proteção, eles conseguem ver apenas os olhos. Salva as diferenças, podemos pensar em como o isolamento dos infectados se manifesta de forma violenta, porque os retira de tudo aquilo que os caracteriza enquanto sujeitos, das suas casas, das suas memórias e dos seus pares.

O psiquiatra Irvin Yalom (2021), no livro “Uma questão de vida e morte”, nos chama a atenção para a importância das lembranças. Essa constatação se dá quando o autor recorda os seus tempos na faculdade e percebe que dos quatro jovens amigos médicos ele é o único que ainda vive e o único que ainda lembra dos dias de dissecação no laboratório de anatomia. Os protocolos de higienização e medidas de contenção atravessam diretamente as últimas memórias que muitos familiares terão de seus entes queridos. O último adeus por chamada de vídeo ou ligação e o último abraço dado como um até logo, um até logo de quem não sabia os desdobramentos da pandemia.

O compartilhamento dos eventos da realidade é uma tentativa de lutar contra o esquecimento. Portanto é valoroso que os grupos de acolhimento, assim como outros coletivos produzam conhecimento, expondo suas experiências a fim de testemunhar as alterações impostas por este período histórico. Contudo, a realidade é inesgotável como nos lembra a autora Gagnebin (2006), no ensaio “Verdade e memória do passado”. Neste ensaio, a autora teoriza sobre rastros, pois segundo ela é por meio dos rastros que percebemos a ausência do passado que se manifesta no presente. Nas palavras da autora:

(...) o historiador atual se vê confrontado com uma tarefa também essencial, mas sem glória: ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados. Sua narrativa afirma que o inesquecível existe mesmo se nós não podemos descrevê-lo. Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição

do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados (Gagnebin, 2006, p. 47).

A teoria que aborda o luto na esfera coletiva postula a importância de chorar os mortos, de se indignar diante das situações e dos impedimentos, nos preocupamos com a pandemia e como está atravessa o processo de enlutar-se. Porém, o silenciamento, que no início desse trabalho surgiu como algo emergente da pandemia, na verdade vem sendo adotado como estratégia política há muito tempo.

Considerações Finais

Para além da dor e perda de referenciais, tenho repetidamente escrito sobre um Brasil que falhou na contenção da pandemia. Escrevo sobre um país que se prepara para eleições presidenciais, ano em que as ameaças de golpe se aprofundam, que a pandemia ainda vigora, ano da inflação descontrolada e da guerra ainda sem números. Parte da escrita deste trabalho foi a minha elaboração pessoal dos lutos que me acometem.

Assim como a realidade conhecida se desintegrou, o luto também carrega consigo uma desintegração. O enlutado(a) se encontra em uma tentativa desesperada de reencontrar o(a) amado(a) para sempre perdido, assim como o esforço para encontrar referência e estabilidade. Mas como fazer isso quando tudo se perdeu? Tenho insistido e apostado na ideia de coletivo. O ímpeto para escrever sobre o luto veio da inquietação de compreender o que se passa. Parte da minha insistência no coletivo está na crença fundamental de pertencimento e capacidade de transformação que emerge dos grupos. A “última” etapa do luto seria o atingimento de uma nova identidade, acometidos por tantas mudanças precisamos encontrar formas de lidar com a nova realidade e isso passa pela nossa transformação. Agora

carregamos as marcas e lembranças daquilo que foi vivido e o ato de honrar os nossos mortos passa por lembrar o passado e nos atentar para o presente a fim de que o passado não se atualize no futuro.

Com o nosso trabalho tivemos acesso a pouco mais de cinco ações voltadas diretamente aos familiares enlutados. Esse recorte é ínfimo perto da magnitude da realidade. Para trabalhos futuros é necessário abordar uma amostra maior, bem como ampliar o contato com os grupos, a fim de compreender de perto o que se passa.

Além disso, vivemos em um cenário marcado pelo esgotamento dos profissionais de saúde, pela falta de materiais, seja de proteção individual ou de cilindros de oxigênio, de inúmeros pacientes que desenvolveram a chamada COVID longa e que lidam com sequelas que perduram por tempo indeterminado. Nesse cenário, pesquisas sobre esses setores da sociedade e a manifestação dos seus lutos, podem contribuir para a nossa compreensão e busca por ações.

Referências

- Aquino, E. M. L., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., Souza-Filho, J. A., Rocha, A. S., Ferreira, A., Victor, A., ... Lima, R. T. R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Caderno de Saúde pública, Ciência e saúde coletiva* 25(1), 2423-2446. doi: 10.1590/1413-81232020256.1.10502020
- Butler, J. (2015). Vida precária, vida passível de luto. In: *Quadro de Guerra: quando a vida é passível de luto?* (pp.12-55). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Cabral, N., Matos, A. N., Catelli, B., Viana, G., & Scarpa, L. (2021). Luto e melancolização na pandemia do COVID-19. *Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*, 13 (1), 2-15. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/52749/pdf>
- Costa, P. M., Silva, L. C. A., Cabral, A. R., & Melo, D. A. (2020). Impactos psicológicos da síndrome Pós- Covid. *Revista Projeção Saúde e Vida*, 1(2), 32-38. Recuperado de: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao6/article/view/1799>
- Cristaldo, H., & Brandão, M. (2021, 19/01). Vacinação contra a covid-19 começa em todo o país. [Weblog]. Recuperado 26 June 2022, de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/vacinacao-contracovid-19-co-me%C3%A7a-em-todo-o-pais>
- Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S., Vieira, L. C., Côrtes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, ... Cassorla, R. M. S. (2020). O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latino Americana de psicopatologia fundamental*, 23(3), 509-533. doi: 10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5

- Diferenças sociais: pretos e pardos morrem mais de COVID-19 do que brancos, segundo NT11 do NOIS. (2020). Centro técnico Científico PUC/RIO. Recuperado de: <https://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-covid-19-do-que-brancos-segundo-nt11-do-nois/>
- Domingues, C. M. A. S., Maranhão, A. G. K., Teixeira, A. M., Fantinato, F. F. S., & Domingues, R. A. S. (2020). 46 anos do programa nacional de imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. *Cadernos de Saúde pública*, 1-17. doi: 10.1590/0102-311X00222919
- Estrela, F. M., da Silva, A. F., de Oliveira, A. C. B., Magalhães, J. R. F., Soares, C. F. S., Peixoto, T. M., & Oliveira, M. A. S. (2021). Enfrentamento do luto por perda familiar pela covid-19: estratégias de curto e longo prazo. *Persona Y bioética*, 25(1), 1-11. doi: 10.5294/pebi.2021.25.1.3
- Estrela, M. C. A., Oliveira, M. H. M., Souza, N. C. R., & Estrela, C. R. A. (2021). Covid-19: sequelas fisiopatológicas e psicológicas nos pacientes e na equipe profissional multidisciplinar. *Brazilian Journal of Development*, 7(6), 59138-59152. doi:10.34117/bjdv7n6-349
- Franco, F. L. F. N. (2020). Houve 100.000 mortes pela Covid-19? Negrogovernamentabilidade, desrealização e luto. *Sig: Revista de psicanálise*, 9 (16), 75-84. Recuperado de: http://www.sig.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Revista_sig_16.pdf
- Freud, S. (1916). A transitoriedade. In: P. C. de Souza (Trad.). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*, 12 (pp 185-189). São Paulo, SP: Companhia das Letras

- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In: P. C. de Souza (Trad.). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas de Sigmund Freud*, 12, (pp. 127-144). São Paulo, SP: Companhia das Letras
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. In: P. C, de Souza (Trad.). *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). Obras completas de Sigmund Freud*, 16, (pp. 13-74). São Paulo, SP: Companhia das Letras
- Gagnebin, J. M. (2006). Verdade e memória do passado. In: *Lembrar escrever esquecer*, 39-47. São Paulo, SP: Editora H 34
- Gonçalves, L. S., & da Silva, C. R. (2020). Pandemia de Covid-19: sobre o direito de lavar as mãos e o "novo" marco regulatório de saneamento básico. *Revista Científica Foz*, 3(1), 70-91. Recuperado de: <https://revista.ivc.br/index.php/revistafoz/article/view/170/75>
- Jorge, M. A. C., Mello, D. M., & Nunes, M. R. (2020). Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento – e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, 23(3), 583-596. doi: 10.1590/1415-4714.2020v23n3p583
- Kilomba, G. (2019). Memórias da plantação- episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó.
- Levi, P. (2013). No fundo. In: L.Del Re (Trad.). *É isto um homem? (pp18-31)*. São Paulo, SP: Editora Rocco
- Lima-Costa, M. F. (2020). Envelhecimento no Brasil e coronavírus: iniciativa ELSI-COVID-19. *Caderno de saúde pública*, (36), 1-3. doi: 10.1590/0102-311X00181420

- Lima, T. C. S., & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis* (10), 37-45. doi:<https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Mantovani, G. L. O., da Silva, V. O., & Bernardes, A. G. (2021). Corpos e Existências: Vidas não passíveis de luto. *Revista polis e psique*, 92-111. doi:<https://doi.org/10.22456/2238-152X.107567>
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Revista Arte & Ensaios*, 32. 123-151. Recuperado de: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>
- Ministério da saúde. (2021, 08/04). Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus. [blog]. Recuperado 26 June 2022, de <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-protger>
- Nasio, J. D. (1997). Lição IV a dor do luto. In: L. Magalhães (Trad.). *O livro da dor e do amor* (pp 158- 168). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar
- Rosa Junior, N. C. D. (2020). Do colapso ao direito ao luto: Entre a perversão do mercado e os desafios para a construção de uma nova linguagem *Sig: Revista de psicanálise*, 9 (16), 85-94. Recuperado de: http://www.sig.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Revista_sig_16.pdf
- Parkes, C. M. (1998). Luto: Estudos Sobre A Perda Na Vida Adulta. São Paulo, SP: Editorial Summus
- Peres, A. C. (2020). Dias que nunca terminam- sintomas persistentes relacionados à síndrome pós covid surpreendem pacientes e pesquisadores. *Radis*, 218, 26-31. Recuperado de: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/45018/2/DiasNuncaTerminam.pdf>
- Por g1. (08/12/2020). Idosa de 90 anos é a primeira a ser vacinada contra Covid-19 no Reino Unido. [blog]. Retirado 26 junho 2022, de

<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/08/idosa-de-90-anos-e-a-primeira-a-ser-vacinada-contracovid-no-reino-unido.ghtml>

Rodrigues, C. (2020). Os fins do luto. *Serrote*, 132-143. Recuperado de: <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf>

Santos, M. P. A., Nery, J. S., Goes, E. F., Silva, A., Dos Santos, A. B. S., Batista, L. E., & De Araújo, E. M. (2020). População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos avançados* (34), 225-244. doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>

Schmidt, B., Melo, B. D., Lima, C. C., Pereira, D. R., Serpeloni, F., Katz, I., Magrin, N. P. (2020). A quarentena na COVID-19: Orientações e estratégias de cuidado. In: Noal, D.S., Passos, M. F. D., & Carlos Machado de Freitas, C. M. (Org.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19* (pp. 112-123). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ

Silva, A. V., Rodrigues, C., & Aisengart, R. (2021). Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista NUPEM*, 13(30), 214-234. doi: 10.33871/nupem.2021.13.30.214-234

Syrio, L. L. (2021). Vidas não passíveis de luto: um diálogo entre Freud e Butler [Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Recuperado de: <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissertacao-Lilian-Landim-pdf-1.pdf>

Tavares, J. S. C (2021). Expressão do luto na população negra: entre o invisível e o patológico. In: J.S. Santana (Org.). *Saúde das populações negras na América e África*,

63-83. Salvador: EDUNEB. Recuperado de:

<https://www.researchgate.net/publication/359268358>

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de saúde pública*, 39(3). 507-514. doi:

<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>

Yalom, I. D. (2021). Consciência do desvanecimento. In: F. Mello (Trad.). *Uma questão de vida e morte* [livro eletrônico], 56-66. São Paulo, SP:Paidós